

Escrever o desaparecimento de si

(em torno de *Le Coupable* de Georges Bataille)

Oswaldo Fontes Filho

“J’ai décidé de ne pas signer [...] Mon nom doit disparaître”

Antonin Artaud

“J’écris pour effacer mon nom”

*“Le sens d’une oeuvre infiniment profonde
est dans le désir que l’auteur eut de disparaître [...]”*

Georges Bataille

Recordem-se os termos de Michel Foucault, em 1966, para a moderna experiência da linguagem: “nos deparamos com uma hiância que por muito tempo permaneceu invisível para nós: o ser da linguagem só aparece para si mesmo com o desaparecimento do sujeito” (2001, p. 222). Três anos antes, Foucault localizara em Georges Bataille uma “experiência nua da linguagem” através da qual modernamente fraqueja a evidência do “Eu sou”. Numa verdadeira inversão copernicana do movimento que sustentou desde sempre a sabedoria reflexiva na sua promessa de unidade serena para uma subjetividade triunfante, o sujeito batailliano passeia, “sem outro fim que o esgotamento”, pelo “vazio desmesurado” deixado pelo filósofo em perda de função gramatical, apropriando-se de uma experiência de expressão na qual, “em vez de se exprimir, se expõe, vai ao encontro de sua finitude e sob cada palavra vê-se remetido à sua própria morte” (FOUCAULT, 2001a, p.46).

Ressaltar no texto autobiográfico de Bataille os modos de inscrição desse sujeito exposto a uma “pulsão de morte” significa narrar uma trajetória de transgressão de limites, de conseqüente esgotamento de antigas soberanias, sobretudo no tocante à linguagem. De fato, a se crer em Foucault,

a linguagem de Bataille desmorona-se sem cessar no centro de seu próprio espaço, deixando a nu, na inércia do êxtase, o sujeito insistente e visível que tentou sustentá-la com dificuldade, e se vê como que rejeitado por ela, esgotado sobre a areia do que ele não pode mais dizer (FOUCAULT, 2001a, p.36).

O que não se pode mais dizer, num pensamento que confessa ser “imensa arquitetura em demolição”? Precisamente: o que Bataille denomina “as coisas do abismo”. Em outros termos,

a noção de um bem que seria um gasto se constituindo em uma perda pura e simples [...]. A linguagem se ausenta [à expressão dessa idéia] porque a linguagem é feita de proposições que fazem intervir identidades; e, a partir do momento em que, por força da soma demasiada a ser despendida, é obrigada a não mais despende para o ganho, mas despende por despende, não mais pode se manter no plano da identidade. (BATAILLE, 1973bis, p. 350).

Princípio econômico incontornável, intuição fundamental de todo o não-saber batailliano, um dispêndio sem reserva — “condicionante”, por assim dizer, de toda soberania — não se dá à expressão sem um correspondente dispêndio da linguagem. A impossibilidade de exprimi-lo, de exprimir uma “soma demasiada a ser despendida”, ou de legitimá-la discursivamente, exaspera uma escrita que, por entre imagens de denegação do sujeito enquanto ser-em-si, entende fixar a atenção sobre o ponto de um “desequilíbrio vertiginoso”, desequilíbrio de um beckettiano “homem asfixiado, esgotado” (BATAILLE, 1973, p.240). Pois que Bataille é justamente aquele que retém o olhar, à maneira de um nietzschiano dos novos tempos, nesse ponto de ruptura, ponto de êxtase, de quebra com a particularidade fechada em si, em seus objetos de “rentabilidade” pessoal (BATAILLE, 1973, p.283).

No intento de dizer uma condição extática do ser — e o correspondente valor positivo da perda —, a linha de partição entre o dentro e o fora perde nitidez na autobiografia batailliana; ela é contestada na direta proporção da imperiosa necessidade de se abdicar de um Eu majestático como fiador epistemológico de toda completude. Assim, em texto onde Bataille confessa sua necessidade como escritor de “unir à realização de um andaime filosófico aquela de uma obra onde a incoerência de todas as coisas estivesse igualmente refletida”, lê-se:

Esta exposição me põe em jogo pessoalmente, é o momento de realização de toda a minha vida [...]. O que escrevo agora é minha vida, é o próprio sujeito e nada diverso. Talvez eu estivesse aberto a esse mundo do fora: assim, o mundo é em mim representado pelos objetos que comumente o compõem; e que habitualmente me situam fora de mim. Mas é na medida em que esses objetos desaparecerão que eu lograrei meu intento. Pode ser ainda que nessa desapareição dos objetos, minha especificidade, minha particularidade desapareçam com eles (pois que sem ligação com objetos particulares cesso de ser eu mesmo). Mas esse sujeito universal e insignificante só é encontrado a partir do sujeito particular, que mergulha em si mesmo, na mais profunda significação. (BATAILLE, 1971, p.397).

O que ocorre quando, uma vez desaparecidos os objetos do mundo familiar por força de uma “subversão impessoal” — operador perfeitamente incongruente das transgressões bataillianas —, o

autor tiver logrado seu intento: escrever *sua* significação? No êxtase, na experiência interior, nos momentos de acaso ou de procura do acaso, enfim, na soberania a que tanto aspira a textualidade batailliana: o que ocorre? Bataille escreve o acontecimento, o advento de... ou o acontecimento seria uma escrita onde o autor pode tão somente se despendar? Escrita e acontecimento podem coincidir? Mas a escrita seria, de fato, um movimento soberano? Para tanto, como sustenta Klossowski ao comentar seu caráter de simulacro em Bataille, cumpre que nela o autor se refute para deixar valer somente o conteúdo de sua experiência. “*Algo acontece* a Bataille do qual ele fala *como se não acontecesse com ele* (KLOSSOWSKI, 1963, p.743; grifos do Autor). A escrita soberana é experiência de supressão do sujeito, de modo que nela uma “consciência sem cúmplice” — que em *L’expérience intérieure* Bataille denomina o *ipse*, a selvagem singularidade daquele que escreve — nada pode se atribuir. Nela nada deve ocorrer. Mesmo porque na comunicação soberana “nada é revelado, nem na queda nem no vazio, pois a revelação do vazio é somente um meio de cair antes na ausência” (BATAILLE, 1973, p.66). Na “não-escrita” desse nada, não são somente os objetos que desaparecem; igualmente o sujeito, com sua linguagem “feita de proposições que fazem intervir identidades”: ele se desengaja de toda “mimese da ação”. Em dado momento, na exasperante escrita da ipseidade, ali onde se excedem as possibilidades “terra-a-terra” da biografia, o êxtase tem lugar. Acontecimento sincópico: “consumição do sujeito e de seu objeto”, dirá Bataille. No êxtase finalmente escrito tudo desaparece: objetos, linguagem, o corpo; seu tempo, sua duração... Aquele que se representa é “negatividade vazia de conteúdo” (BATAILLE, 1973, p.371). Afinal, a soberania é o nada que não mais se nomeia. Razão por que por tantas vezes Bataille afirme escrever para apagar seu nome. Como se, no apagamento da identidade fixa que todo nome próprio outorga a seu titular, fosse dado de alcançar, por um desvio e como que em silêncio, o murmúrio anônimo do Fora, o sem-nome a que pertencemos, que nos acedia imperiosamente e nos atrai irresistivelmente para além das possibilidades da linguagem onde, no limite, encontramos, para ali nos extraviarmos, o impossível (o inominável).

“Esta exposição me põe em jogo pessoalmente”. Mas o que se entende por “pôr em jogo”? Em poucas palavras: o sujeito, efeito da temporalidade lógica de um desenvolvimento, submetido ao contratempo de um acidente, contrafeito (ex-posto) à decomposição de todas as coisas, à morte. A autobiografia é, acima de tudo, tanatografia. Enquanto tal, nela tudo resiste à conformação dos sentimentos ao conceito (à *aprensão*, ao *begreifen*), à retidão do corpo-alma aquém de sua degenerescência, de sua *hybris*. Eis o cenário para que o Eu se escreva, uma última vez. Ou será um “não-Eu” que já fala em seu lugar?

I.

Há em Bataille uma insistência em desaparecer que, por um lado, está ligada a certo apreço pelo segredo ou, mesmo, pelo jogo de duplicidades — donde a dissimulação pseudonímica, a circulação

nas sombras de uma literatura subterrânea (*Madame Edwarda, Histoire de l'Oeil, Ma Mère*) —; e que, por outro lado, diz respeito ao *Mal* (enquanto o oposto do constrangimento, da sujeição), esse objeto veraz da literatura que nunca se deixa escrever pacificamente, e que a torna irremediavelmente culpada — pois que “só a ação tem os direitos” (BATAILLE, 1989, p.10). De modo que, a dado momento, é caso de assumir: “o único meio de se resgatar do erro de escrever é destruir o que se escreve” (*apud* MARMANDE, 1987, p.129). Destruir: gesto consagrado simbolicamente pelo desaparecimento inicial do primeiro manuscrito de Bataille — *W.C. (water-closet)*, pequeno livro de 1926, “violentamente oposto a toda dignidade”, desde então rubrica um tanto fantasmática da transgressão batailliana. Gesto, pois, de resgate do “erro” de escrever. E se com *Le Coupable* Bataille assegura sua entrada na escrita, tal se dá por “exigência de nada”, por força do que ali se depende sem projeto de remuneração.

Livro “violentamente dominado pelas lágrimas [...], violentamente dominado pela morte” (BATAILLE, 1973, p.494), *Le Coupable* é a autografia daquele que, “agarrado pela garganta [pelo] não-eu da natureza”, procura por si numa espécie de reverso das linguagens de identidade, na dilaceração de toda fraseologia niveladora. Redigido entre setembro de 1939 e outubro de 1943, fruto de uma solidão que se quer a um tempo dilacerada e iluminada, em meio ao desmoronamento do mundo em guerra, nesse texto amplamente autobiográfico Bataille não cessa de se mostrar no ato de experimentar o momento em que o ato de escrever, à semelhança do mundo, se decompõe. Ocorre, assim, de ali se travar um duplo combate: das palavras contra si mesmas — “combater a linguagem é dar-lhe seu lugar”; e do sujeito, “vazio de conteúdo”, contra os próprios limites.

A *prière d'insérer* da primeira edição de 1944 sintetiza o percurso de uma subjetividade extirpada de si, espécie de ascensão rumo à queda, num Gólgota de culpabilidade:

Um homem amadurece — envelhece, se se preferir —, de perto ou de longe se aproxima da morte. Parece-lhe difícil, sem combate, abandonar ao túmulo um ser que nada compreendeu, que atravessa a terra como um sonho, uma fantasia desprovida de sentido e, por fim, em falta com a fantasia. Ele luta desesperadamente na esperança de não soçobrar. Interroga, assim, na angústia, as últimas possibilidades: o êxtase, o acaso, o riso. Escala, penosamente, esgotado, escarpas vertiginosas. Uma vez chegado ao cume, percebe que aquelas possibilidades não são o que são... Voltando-se para aqueles dos quais é imagem e dos quais pensou ser o enviado, descobre, não sem ironia, estar deles apartado. O fato de chegar ao cume é por eles considerado como um erro do qual se tornou culpado. Não seria o cume se não fosse assim: sem remissão possível, ele perdeu o repouso, a quietude dos outros (BATAILLE, 1973, p.493).

Entendendo proceder à representação de si como “selvagem impossibilidade”, incapaz de evitar seus limites, menos ainda de a eles se ater (BATAILLE, 1973, p.261), o narrador batailliano deixa-se ver por ocasião do enfrentamento das vicissitudes de seu texto. Diga-se, aliás, que em *Le Coupable* a desordem é inevitável reflexo da ruptura com os canônicos espelhos de similitude. Misturam-se ali trivialidades de diário e elevação de pensamento, erotismo e sagrado, real e ficção, biografia e filosofia. Nesse sentido, *Le Coupable* não se exime daquela textualidade labiríntica, imagem privilegiada da literatura moderna, onde se opera, por assim dizer, a retaliação e recomposição vertiginosas do *corpus* autoral, até o ponto em que a enunciação acaba por se afirmar como o sujeito único do enunciado.

Foucault, a respeito, fala de espoliação, de multiplicação e de dispersão da subjetividade no espaço de sua lacuna: “uma das estruturas fundamentais do pensamento contemporâneo” (2001a, p.38). Ausência dispersa num vazio! O diagnóstico é admirável em sua radicalidade. Concretamente, tratar-se-ia para Foucault do fim de uma forma clássica de soberania: o sujeito filosófico, ser-em-si, mestre das linguagens protocolares de identificação. Assim,

[...] é no centro dessa desapareição do sujeito filosofante que a linguagem [...] avança como num labirinto, não para reencontrá-lo, mas para experimentar (através da própria linguagem) a perda dele até o limite, ou seja, até aquela abertura onde seu ser surgiu, mas já perdido, inteiramente espalhado fora de si mesmo, esvaziado de si até o vazio absoluto — abertura que é a comunicação (FOUCAULT, 2001a, p.39).

Na representação desse “vazio absoluto”, onde o sujeito verifica-se “inteiramente espalhado fora de si”, desse lugar de uma “ferida aberta” da subjetividade, no limite do que escapa de toda coesão, o que perde legitimidade é o que reflete (e escreve) na coerência. Textualidade labiríntica: é tudo o que se dispõe para criar uma comunicação dilacerante, contrafação das tranqüilizadoras narrativas de um “imutável eu” (BATAILLE, 1973, p.282). Mesmo porque, ainda que o autor seja tentado pela interminável questão “quem sou eu?”, ele é instado a deslocá-la, ou melhor, a adotar para seu retrato um espelho das “verdades humilhantes”, irredutíveis aos esquemas idealistas da cultura (*Ibidem*, p.345). Ao assumir o esvaziamento de si, ele passa a se ver excentrado pela interrogação sem esperança (chaga aberta em si) “quem sou eu?” (*Ibidem*, p.333). O que equivale a se pronunciar por um pensamento desprovido de ponto de fuga, a fim de “estar à altura *do que não tem centro*” (*Ibidem*, p.282; grifos do Autor). Bataille pode então admitir, na contrafação da identidade filosófica:

[...] meus procedimentos são aqueles de um doente, ao menos de um homem asfixiado, esgotado. É o medo que me sustém, o medo — ou o horror — do que está em jogo na totalidade do pensamento. A procura da verdade não é meu forte (antes de tudo, falo da fraseologia que a

representa). E devo agora ressaltá-lo: mais que a verdade, é o medo que desejo e procuro: aquele que abre para um desequilíbrio vertiginoso, aquele que atinge um ilimitado possível do pensamento (BATAILLE, 1973, p.240).

Le Coupable é, assim, o retrato de um intelectual apoiado sobre as ruínas de uma fraseologia da verdade, tendo como cenário de fundo a guerra, evidência da vida como um “constante comprometimento do equilíbrio”. Aquele que “se obstina em tornar a si próprio *um combate*” (BATAILLE, 1973, p.250; grifo do Autor) descreve agora a “experiência interior” (a despeito de uma literatura “lesa-interioridade”) do desastre do mundo.

A narrativa de *Le Coupable* explicita seu início: 5 de setembro de 1939. Data que Bataille admite não ser uma coincidência.

Começo em razão dos acontecimentos, mas não para deles falar. Escrevo estas notas, incapaz de outra coisa. Preciso me deixar levar, doravante, por movimentos de liberdade, de capricho. De repente, era momento para mim de falar sem rodeios (BATAILLE, 1973, p.245).

“Falar sem rodeios” não é dizer dos acontecimentos surgidos a agonia que encerram: é fazer-se propriamente agonia. Não será o comentador do mundo que se porá a escrever. Mas uma força que se assemelha àquela que, cruelmente caprichosa, dispõe as ruínas desse mundo (BATAILLE, 1973, p.498).

II.

Mais que uma autobiografia, *Le Coupable* é um auto-retrato, na exata linhagem dos *Ensaio*s de Montaigne, dos *Devaneios* de Rousseau, do *Ecce Homo* de Nietzsche. O gênero, sabe-se, substitui a continuidade narrativa e a pertinência cronológica por uma bricolagem de rubricas de temática variada — de ninharias do cotidiano a abstratas reflexões, passando pelo relato de sonhos e fantasmas. Heteróclito *corpus* de dados brutos que o estilo estrangulado, alusivo, dos “sufocamentos do êxtase ou da angústia” reúne em favor de uma virtualidade referencial nunca solidária de qualquer “mimese do eu”. Pois que, se o auto-retrato interroga de modo oblíquo (e descontínuo) sobre a identidade do sujeito da escrita — ali não se narra uma vida preexistente à sua grafia —, o culpado se diz através do que o nega: “verdade longínqua e inevitável”, “desejo não-pacificável”, “ferida jamais fechada” (BATAILLE, 1973, p.260). Ou, então, através de um questionamento obsedante da continuidade do texto: cisão ativa na escrita de um si fragmentado ou abertura para sua contrapartida enigmática e sem resposta? Lê-se, a propósito:

Aquele que interroga, aquele que fala, suprime-se ao interrogar. Mas aquele que soçobra nessa ausência — e nesse silêncio —, do fundo desse silêncio, é o *profeta* do que se perde na ausência...”; “Contudo, não posso me apagar...: a afirmação que faço de mim mesmo neste livro é ingênua (BATAILLE, 1973, p.364; grifo do Autor).

Mesmo um texto escrito sob a pressão do que se ausenta não deixa de aspirar à eternidade do livro. “Escrevo, não quero morrer” (BATAILLE, 1973, p.365). Contudo, o envio constante ao momento dubitativo da escrita, como é caso em *Le Coupable*, não permite exorcizar a culpa de escrever. O sentimento da impotência do imaginário discursivo face ao inconcluso patético da História faz com que seu autor lamente:

A história é inacabada; quando esse livro for lido, o menor dos escolares conhecerá o resultado da guerra atual; no momento em que escrevo, nada pode me dar a ciência de um escolar (BATAILLE, 1973, p.261).

Nada pode evitar que o instante soberano da escrita seja dolorosamente privado daquela ciência que em breve pertencerá a qualquer memória. Esse, aliás, é sentimento comum àqueles que propõem um auto-retrato. Marcada pelo dilema entre o refúgio nos jogos privados de sua autografia e a inscrição nas generalidades da enciclopédia pública, a subjetividade que se reflete em espelhos de tinta tem de se haver com a relativa futilidade de sua empresa. Afinal, exercício livresco ao abrigo do mundo da ação, dele sempre se pode dizer que compõe o Eu como um Livro dentre livros (BEAUJOUR, 1980, p.13).

Inquietação e culpabilidade são incontornáveis condicionantes afetivos de um auto-retrato, mesmo porque a interioridade jamais desautoriza a exterioridade numa narrativa sem recursos (ou interesse) a fim de garantir a hegemonia de quaisquer registros. A respeito, fala-nos Michel Beaujour:

Nada é mais arcaico nem trans-histórico que esses textos que pretendem revelar ‘o que sou agora, enquanto escrevo este livro! Nada é mais incômodo ao tempo que esse discurso no presente. É que o escritor, por pouco que se retire do mundo e tente dizer quem ele é mais que confessar seus feitos passados, encontra-se encurralado entre dois limites: aquele de sua própria morte, e aquele do impessoal, constituído pelas categorias mais gerais e mais anônimas, mediatizadas por uma linguagem que pertence a todos. Encurralado entre a ausência e o Homem universal, o auto-retrato tem de zigzaguear para produzir o que sempre será, no essencial, o entrelaçamento de uma antropologia e de uma tanatografia (BEAUJOUR, 1980, p.13).

De modo que não surpreende reconhecer a escrita batailliana, conduzida que é por “um movimento que mantém cada operação possível em seus limites” (BATAILLE, 1973, p.261), empenhada em desautorizar o saber universalizante e seu dogma central: o antropomorfismo e sua “voracidade intelectual” em julgar acerca das semelhanças humanas. “Um homem”, sustenta Bataille, “é também o contrário de um homem: o questionamento sem fim do que designa seu nome!” (1973, p.319). Fato é que tomar sua escrita por esse viés, quando empenhada em “tornar doente” a idéia que em geral se faz do ser, implica fundamentalmente nela

ver confrontados o “movimento impessoal do pensamento” — donde advêm antropologismos e antropomorfismos — e uma experiência dilacerante (e sacrificial) da escrita do Eu pela qual “se rompe a agitação da inteligência” e, conseqüentemente, se tornam indistintas autografia e tanatografia.

De fato, a ligação da linguagem com a morte é levada por Bataille ao extremo de uma experiência sacrificial da escrita. Assim marcada pela própria exasperação, esta corresponde ao movimento próprio ao pensamento soberano.

No extremo de seu desenvolvimento, o pensamento aspira à sua execução precipitado na esfera do sacrifício e, assim como uma emoção cresce até o instante dilacerado do soluço, sua plenitude leva-o ao ponto em que sopra um vento que o abate, onde viceja a contração definitiva (BATAILLE, 1973, p.261).

Assim hipostasiado por tal aspiração do pensamento, o Eu que redige *Le Coupable* retém a culpa de uma escrita siderada pela indefectibilidade de um “ponto em que sopra um vento que abate”. E, malgrado o “caráter enigmático” do que escreve, ele termina por aquiescer: “sob a aparência de uma confissão, por vezes provocante, *o autor furtou-se*” (BATAILLE, 1973, p.495; grifos nossos).

O Eu, existência em decomposição, é precisamente o que não se escreve. Ou melhor, o que nunca deixa de se escrever, no limite de sua redutibilidade ao silêncio. Lê-se, pois, no prefácio de *Le Coupable*:

Em verdade, a linguagem que adoto só poderia se concluir por minha morte [...]. A morte é uma decomposição, uma supressão tão perfeita que, no cume, o pleno silêncio é sua verdade, tanto mais que é impossível disso falar [...]. Volto-me ao fim da linguagem que é a morte. Virtualmente, trata-se ainda de uma linguagem, cujo sentido — já a ausência de sentido — é, entretanto, dado nas *palavras que põem fim à linguagem*. Essas palavras só têm sentido na medida em que precedem imediatamente o silêncio (o silêncio que põe fim): elas só teriam pleno sentido esquecidas, caindo decididamente, subitamente, no *esquecimento* (BATAILLE, 1973, p.242; grifos nossos).

Escrever o desaparecimento do sujeito exige que todo sentido passe a funcionar como sacrifício do sentido. Falar da própria morte não basta para impostar uma soberania. Esta deve sacrificar toda apresentação do sentido da morte. Perdido para um discurso no limite de sua possibilidade, o sentido deve ser absolutamente consumido, até sua morte. Em outros termos, “palavras que põem fim à linguagem” são aquelas capazes de se abrir para a perda (a deriva) absoluta de seu sentido: constituem, assim, o tormento da escrita, o comentário de sua *ausência de sentido*, ou melhor, de seu *sentido de ausência*. Ao explicar sua “experiência interior”, Bataille assinala:

É uma pretensão ao silêncio e à morte a tal ponto que, empolar a voz por pouco que seja, como as palavras ‘silêncio’ e sobretudo ‘morte’ incitam paradoxalmente a fazê-lo, como num rito, [seria] um erro. A soberania, com efeito, não existe senão no momento em que aquele que vai falar desaparece, cala-se, morre de tal modo que as palavras que o anunciam nunca abrem senão a via de um morto; e na medida em que ela não é reconhecida senão pela surpresa, pelo sentimento de incômodo, de louca alegria e de incongruência daqueles que, tendo-a presente, só podem experimentá-la prontamente como uma ausência (BATAILLE, 1973, p. 486).

Sendo a filosofia “condução à morte da linguagem”, seu sacrifício no sentido de “supressão de tudo o que [ela] introduz em substituição à experiência da vida pulsante e da morte”, o filósofo segundo Bataille deveria “falar uma linguagem igual a zero, uma linguagem que fosse o equivalente de nada, uma linguagem que retornasse ao silêncio” (BATAILLE, 1964, p.288). Eis um programa paradoxal: fazer com que a filosofia, pela linguagem, restitua o silêncio. O que a escrita da experiência interior impõe é a automutilação da filosofia enquanto composição da linguagem, a transgressão de suas condições de possibilidade. Consequentemente, a filosofia reuniria todos os possíveis em vista de sentido algum, por nada, ou melhor, a fim de dilapidá-los em seguida, sem cálculo: a figura como contestação é consumição do discurso, perda fulgurante do saber. Retome-se aqui a lição de Michel Foucault sobre a transgressão. Tratar-se-ia de

uma afirmação que não afirma nada: em plena ruptura de transitividade. A contestação não é o esforço do pensamento para negar existências ou valores, é o gesto que reconduz cada um deles aos seus limites [...]. Contestar é ir até o núcleo vazio no qual o ser atinge seu limite e no qual o limite define o ser. Ali, no limite transgredido, repercute o sim da contestação (FOUCAULT, 2001a, p. 34).

Razão por que, complementa Foucault, fundamentar a filosofia na transgressão implica substituir à linguagem uma “contemplação silenciosa”. Em outras palavras, na transgressão sacrifica-se a linguagem, “quando a própria transgressão em seu movimento substitui-se à exposição discursiva da transgressão” (BATAILLE, 1964, p.305).

III.

Jacques Derrida, em *L'écriture et la différence*, identifica na soberana “destruição do discurso” proposta pela transgressão batailliana um pensamento do limite enquanto experiência do impossível. Não porque houvesse ali uma reserva ou uma retração, um “murmúrio infinito de uma palavra branca apagando os traços do discurso clássico”, mas porque em Bataille o discurso estaria submetido a uma espécie de “*potlatch* dos signos”, a um dispêndio exuberante

das palavras na gaia afirmação de sua morte: “um sacrifício e um desafio” (DERRIDA, 1967, p.403). Isto é: o de arriscar a morte para abrir o olho após a longa noite da razão, onde se tramou, cegamente, a lógica e a sintaxe férreas de uma língua que cumpre, então, dilacerar com a devida violência. Aquela violência de uma escrita transgressora que reconhece, porém, a incontornável retenção dos limites e interditos. “A escrita”, lembra Derrida (1967, p.405), “é sempre traçada entre essas duas faces do limite”: entre a servidão do sentido e o despertar para a sua morte. Ali onde o tecido de trama cerrada das proposições retém, não sem violência, a abertura mortal do olho. Assim, complementa Derrida, o texto batailliano “traça em silêncio a estrutura do olho, desenha a abertura, aventura-se a tramar a ‘absoluta dilaceração’, dilacera absolutamente seu próprio tecido [...]” (1967, p.407).

Situação singular nessa textura em dilaceração: o Eu, outrora garantia de um ponto de fuga numa clássica conscrição do mundo, arrisca ali se furtar ao olhar-leitor, derivar para o vazio a que o texto doravante aspira — “o saber em último grau deixa diante do vazio” (BATAILLE, 1973, p.333). Escrever a procura da soberania constitui, no seu movimento repetitivo, angustiado, intermitente, uma escrita tensionada por sua própria alteridade, ilocalizável e inacessível. Escrita impeditiva de todo gesto que venha depositá-la numa marca (assinatura), desinteressada de seguir um roteiro, uma continuidade (temporal e espacial). Em outras palavras, é poligrafia que evita a escrevença do especialista — para usar os termos de Barthes —, pois que às distinções estatutárias e estabilizáveis de uma cronologia, de uma história, de uma teleologia, ela contrapõe a mistura dos saberes, o despedaçamento dos códigos, com a conseqüente dispersão das identidades (BARTHES, 1988, p.251 e 253).

Compactuar com as descontinuidades de tal poligrafia — com os sentidos que ali proliferam... como um mal — é ato que se dá nos estertores de um discurso existencial desenvolvido nos domínios da inteligibilidade do real. De modo que uma renúncia soberana ao reconhecimento vem se conjugar com o apagamento do que se escreve.

Caso se vá até o fim, cumpre se apagar, padecer da solidão, dela sofrer duramente, renunciar a ser *reconhecido*: estar ali como ausente, insensato, padecer sem vontade e esperança, estar alhures. O pensamento (por força do que ele tem em seu fundo), cumpre enterrá-lo vivo. Público-o sabendo-o antecipadamente desconhecido, tendo de sê-lo (BATAILLE, 1954, p.179; grifo do Autor).

Razão por que Bataille censura toda a linguagem onde a vontade procura “se guardar no rastro, fazer-se ali reconhecer e reconstituir sua presença” (DERRIDA, 1967, p.389). Em oposição a esse projeto servil de conservar a vida em uma presença *a priori* — como “circulação e reprodução de si, e do sentido” (DERRIDA, 1967, p.376) —, Bataille impõe diversa escrita: “aquela que”, nos termos de Derrida, “produz o rastro como rastro [...], a possibilidade de um apagamento absoluto” (DERRIDA, 1967, p.390). Em outras

palavras, escrita de um pensamento em ruína. E, como equivalência, escrita de um ser-em-desconstrução, daquele que evita se inscrever nas distinções estatutárias e estabilizáveis de uma cronologia, de uma história, de uma teleologia.

Quatro anos antes da análise de Derrida, Michel Foucault dera o tom da leitura filosófica desse “jogo dos limites e da transgressão” transcorrido na escrita soberana. Tratar-se-ia, sobretudo, de ato de obstinação: “a transgressão transpõe e não cessa de recomençar a transpor uma linha que, atrás dela, imediatamente se fecha de novo em um movimento de tênue memória, recuando então novamente para o horizonte do intransponível”. Subsumida nesse jogo da retração das bordas, a transgressão carrega a marca de toda desconstrução: “ela não opõe nada a nada [...], nem triunfa sobre limites que apaga”. Diferentemente, a transgressão “toma, no âmago do limite, a medida desmesurada da distância que nela se abre e desenha o traço fulgurante que a faz ser” (FOUCAULT, 2001a, p.32). Dessa fulgurância, vale observar, a transgressão não retém um conteúdo temático; ela, que por definição não é retida por limite algum, conclui Foucault, “talvez não passe da afirmação da divisão [...], do ser da diferença” (2001a, p.33).

Em seu ensaio sobre Bataille, Derrida trata de alertar ao que seria o necessário trabalho da modernidade filosófica junto a uma “deriva calculada” dos conceitos até sua insustentabilidade. Necessário porque, ele estima, o filósofo tende a se cegar em face de uma textualidade como a de Bataille, “pois que [se é] filósofo somente por esse desejo indestrutível de sustentar, de *manter* contra a deriva a certeza de si e a segurança do conceito” (DERRIDA, 1967, p.393; grifo do Autor). Foucault, anteriormente, já denunciara a precariedade da “filosofia de nossos dias”: pensamento em perda de sua linguagem historicamente natural e, conseqüentemente, instado a recuperar a palavra “nas bordas dos seus limites [...], ou na densidade de palavras encerradas em sua noite, em sua verdade cega” (FOUCAULT, 2001a, p.37). A constatação alerta para a notável cenografia textual do olhar exorbitado das narrativas eróticas de Bataille, olhar medusado da fascinação e do êxtase, lançado fora de si, deslocado ao limite de sua possibilidade nos instantes do impossível gozo. Olho revirado para dentro da cavidade noturna do crânio, sucedâneo do globo branco da pura transparência do olhar intuitivo, ele define o espaço de vinculação da linguagem e da morte, “no momento em que representa o jogo do limite e do ser” (FOUCAULT, 2001a, p.42). Poder-se-ia, pois, inferir das tantas trajetórias literárias em Bataille desse olhar saído de si o seguinte postulado: na inscrição do inscritevel, a possibilidade do ver se condiciona ao ato de fechar soberanamente os olhos: *Augenblick* do êxtase, da vertigem de escrever. Afinal, a “noite” batailliana entende ser “embriaguez do pensamento”, condição *sine qua non* para se fazer a experiência do “ser do limite”, do “ser da diferença” (FOUCAULT, 2001a, p.44 e 33 respectivamente). Razão por que Derrida vem ter com Bataille na comum convicção de que “o conceito se produz no tecido das diferenças”. O que lhe permite enunciar oportuna acusação de uma inoperante hermenêutica: cegar-se à rigorosa precipitação, ao

sacrifício impiedoso dos conceitos filosóficos no texto batailliano — em qualquer texto de ruptura/desconstrução —, persistir em avaliá-lo “no interior do ‘discurso significativo’”, é tergiversar a “investigação necessariamente sem reserva” das diferenças, dos limites, que constitui o substrato mesmo de uma comunicação soberana. Tal constatação, entende-se, não supõe em contrapartida preceituar um método eficiente. “Não terei em nenhum momento a possibilidade de ver!”, constata Bataille, sem traço de nostalgia da totalidade, consciente que, nietzschianamente, “cumpre perder o respeito do todo” (*apud* SOLLERS, 1970, p.131).

Sobre o pensamento que tem lugar ao se espacejar sobre um limite indiscernível (não há outro “ter-lugar” do pensamento em sua radicalidade), desrespeitoso de qualquer tentativa de totalização, um derridiano dirá que ele se desconstrói ou que está “em desconstrução”. Dirá que é acontecimento.

A desconstrução tem lugar, é um acontecimento que não espera a deliberação, a consciência ou a organização do sujeito, nem mesmo da modernidade. *Isso se desconstrói*. O *isso* não é aqui uma coisa impessoal que se oporia a alguma subjetividade egológica. *Isso está em desconstrução* (DERRIDA, 1987, p.391; grifos do Autor).

“Isso se desconstrói”, isso interessa à soberania batailliana. Pois que “a soberania *não se prescreve*. E, em geral, não ordena nem outrem, nem as coisas, tampouco os discursos, em vista da produção do sentido” (DERRIDA, 1967, p.388; grifos do Autor). Essa é, como se disse, uma renúncia ao reconhecimento — motivo que retém Derrida enquanto questionador da “singularidade absoluta de um acontecimento de assinatura” (DERRIDA, 1972, p.431). Razão por que se pode falar de uma escrita do pensamento em ruína — repita-se, não há como mantê-lo diversamente radical. Radicalidade do que é possível pensar após a destruição de toda arquê, de todo fundamento: pensar no amor e no horror das ruínas, ruínas de toda integridade, de toda identidade, seja pessoal, religiosa, social ou política. Radicalidade que se estende ao olhar, pois que tudo o que se desconstrói remete o sujeito (sua linguagem e seu pensamento) à ruína de um cegamento que fornece seu caráter acontecimental. Nos termos de Derrida:

Como amar outra coisa que a possibilidade da ruína? que a totalidade impossível? [...] Isso não é um tema, justamente, isso arruína o tema, a posição, a apresentação ou a representação do que for. Ruína: antes aquela memória aberta como um olho ou a cratera de uma órbita ossuda que deixa ver sem mostrar *absolutamente nada*. *Para nada* mostrar *do tudo*. Para nada mostrar, em absoluto, isto é, a um tempo *porque* a ruína *não* mostra *absolutamente nada*, e em *vista de nada* mostrar *do tudo*. Nada da totalidade, que não se abra, transpasse-se ou se esburaque prontamente (DERRIDA, 1990, p.72; grifos do Autor).

IV.

Na autobiografia batailliana, o que se arruína procura pelos termos de sua deriva para além das linguagens de identidade. Sem que seja tematizado ali algo como o *nada* — o que Bataille entende ser apenas “um pretexto para acrescentar ao discurso um capítulo especializado” (1965, p.288). O que se procura é, antes, a supressão (ainda que impraticável) do que a linguagem acrescenta ao mundo. Donde a encenação (o simulacro?) de uma

espécie de obscuridade alucinante [que] me faz lentamente perder a cabeça, [que] me comunica uma torção de todo o ser voltado para o impossível; [uma] explosão quente, brilhante, mortal... por onde escapo à ilusão de relações sólidas entre o mundo e eu (BATAILLE, 1973, p.247).

Nesse intento, ao procurar administrar uma “fuga imensa fora de [si]” pela contestação do excesso de *ego*, Bataille chega por fim à evidência mortal de todo solipsismo:

Não sou mais eu mesmo, mas o que sai de mim atinge e encerra em seu abraço uma presença sem limites, semelhante à perda de mim mesmo (BATAILLE, 1973, p.253).

“Presença sem limites” equivalente a uma ausência de si! Que este seja o efeito mais notável de um combate das palavras contra si mesmas, isso não é mais que conseqüência do que Bataille entende por comunicação. Esta “exige uma falta, uma ‘falha’; ela entra como a morte, por um defeito da couraça” (BATAILLE, 1973, p.266); equivale a uma catástrofe. Importa, pois, escrever não *sobre*, mas *como* a falta, a falha, a catástrofe. De maneira que, por fim, devolva-se ao homem “o direito de nada significar” (BATAILLE, 1973, p.429). Ou o direito de não mais significar “humanamente”. Se “os tempos são próprios à reflexão que fere” (BATAILLE, 1973, p.298), então

toda linguagem um pouco solene, que não fosse sustentada por uma tensão aguda, cumprirá vomitá-la. Humanamente, as más chagas são aquelas onde as grandes palavras se insinuem: as grandes palavras são o pus e os vermes [...], a covardia intelectual: colocar o que se puder ao abrigo das verdades que cheiram mal [...] (BATAILLE, 1973, p.530).

Silenciar as grandes palavras equivale a propor uma soberania do ser feita nietzschianamente da dilapidação das normas do dever-ser. Não será necessário remexer longamente nas “cisternas filosóficas” para dilapidar igualmente a memória de si, da interioridade a si (BATAILLE, 1973, p.389). O que resulta em uma soberania paradoxalmente assentada sobre uma

ausência de memória de nossa impotência em conceber esse tempo que, desde então, ter-nos-á suplantado: esse mundo inconcebível ao qual adentro unicamente ao recusar concebê-lo, ao rir de mim mesmo, negando-me (BATAILLE, 1973, p.495).

De modo que talvez pudéssemos assumir para *Le Coupable* o que diz Michel Beaujour para o auto-retrato em geral: [que] “as certezas ideológicas, a sabedoria, os adágios tranquilizadores, a cultura assegurada, fazem sempre falta ao auto-retratista: [...] ele é um desalojado, voltado para a exterioridade, para o exílio, para o impessoal, para o anti-histórico” (BEAUJOUR, 1980, p.23).

Bataille admite que a redação de um auto-retrato comporta uma “imensa contradição”: “a tinta muda a ausência em intenção...” (1973, p.365). Ele que entende se furtrar à “irremovível obsessão do eu” (1973, p.362), e assim se relacionar com o que o nega, não cessa de se escrever. Ainda que sua subjetividade se escreva em enunciado que se arruína à medida que é proferido. De modo que, entre tantas interrogações noturnas — a introspecção é jogo eminentemente noturno —, lê-se:

Posso esperar sair de um estado de fadiga e de escoamento gota a gota na morte? E que tédio de escrever um livro, lutando contra o esgotamento do sono, desejando a transparência de um livro: clarão deslizando de sombra a sombra, de um horizonte ao horizonte seguinte, de um sono a outro sono. Não abraço o que digo, o sono me abate, o que digo decompõe-se na inércia vizinha da morte. Uma frase derivava mais abaixo na decomposição das coisas e eu já adormecia... Esquecia-a. Acordo, escrevo essas poucas palavras. Já tudo cai no entulho de dejetos do sono [...]. Todos os sentidos se anulam, compõem novos; inapreensíveis, como saltos. Tenho na cabeça um vento violento. Escrever é partir para alhures. O pássaro que canta e o homem que escreve se libertam. De novo o sono e, a cabeça pesada, desfaço-me (BATAILLE, 1973, p.359).

Não seria despropositado identificar aqui uma contracronografia da noturna meditação cartesiana, onde o protagonista se assegurava metodicamente do fiador ontológico de seu *ego*. O auto-retrato, esclarece Michel Beaujour (1980, p.235), precede o sujeito transcendental no sentido em que sua tentativa de totalização, sempre inacabada e fragmentária, mantém irreduzíveis a perda e a clivagem. A introspecção invariavelmente contesta o excesso de *ego*, de interioridade, a fim de generalizar a exterioridade, a impotência (BEAUJOUR, 1980, p.19). O Outro (a morte, o inominável, o ir-reconhecível, o esgotamento), ainda que permaneça fiador do que o escritor reúne e distribui em seu auto-retrato, é fator de todos os riscos ao patrocinar um antiestrutural, de que fala Barthes: “[o auto-retrato moderno] extenua uma lista de objetos heteróclitos, e essa lista é a antiestrutura da obra, sua obscura e doida poligrafia” (BARTHES, 2003, p.165). No fim das contas, a escrita de si é o relato de um narcisismo mitigado: no momento em que escreve, Bataille reconhece a verdade do mundo que o sustém; mas a existência penosa que é a sua não pode se evadir de leis que não são senão aquelas de um espetáculo exterior, que exige a representação de seus múltiplos e heteróclitos objetos.

Em *Le Coupable*, a aspiração aos transportes expressivos para fora da “vulgaridade própria às relações cotidianas” vem se conjugar com a idéia insuportável de retornar ao que se é, “àquele que sou no momento em que escrevo” (BATAILLE, 1973, p.500). Há um nítido desconforto de Bataille com o presente da escrita, quando é suposto que se jogue o jogo do resgate de um “escoamento gota a gota na morte”. Tempo presente de uma escrita onde pululam formas vazias, esquemas, fantasmas de frases, deslocando-se entre sono e vigília; escrita que, contrariamente às meditações cartesianas, não atualiza *Ego* algum. Em *Le Coupable*, Bataille sonha desperto com a transparência do livro; luta para inscrever fugidias e esparsas palavras; por fim, sucumbe ao esquecimento no sono, “inércia vizinha da morte”. De um sono a outro, entre dois “desequilíbrios”, uma frase se insinua na tentativa de apreender “mais longe” o objeto de desejo de um Eu asfixiado. Este persiste, porém, em ir à deriva, para mais longe, para a decomposição das coisas. Por fim, entende-se que a figura de um imutável Eu cedeu lugar àquela de um sujeito cujos objetos de contemplação são a “vítima agonizante” (BATAILLE, 1973, p.283). Afinal, escrever, estima Bataille, não é “encerrar o universo em proposições satisfatórias, mas somente um jogo jogado com uma realidade inapreensível” (1973, p.284).

Consciente que a chamada *operação soberana* “só pode ser definida na noite” (1973, p.482), Bataille nela permanece inerte. Nenhuma tentativa faz para metamorfoseá-la em um dia pesado de todas as promessas humanas. “Nada posso escrever que não tenha a aparência de um passo para a morte, é a única coesão de notas febris, para as quais não há outra explicação” (*apud* PIERRE, 1987, p. 52). Mesmo a leitura “é comparável aos vermes aos quais a fossa abandona um corpo” (BATAILLE, 1973, p. 495). Prometido à corrupção por força desse “outro” que é o leitor, o retrato batailliano é invariavelmente reconduzido para o registro de sua motivação primeira: a morte, a decomposição.

V.

Quase ao final de *Le Coupable*, a ausência ganha nietzschiana metáfora:

Tenho na cabeça um vento violento [...]. Minha ausência é o vento do fora [...]. O vento do fora escreveria esse livro? Escrever é formular minha intenção. Desejei aquela filosofia de quem a cabeça do céu fosse vizinha — e cujos pés tocassem o império dos mortos! Espero que a borrasca desenraíze... No instante mesmo alcanço todo o possível! ao mesmo tempo, alcanço o impossível. Atinjo o poder que o ser tinha de chegar ao contrário do ser. Minha morte e eu, nós nos desequilibramos no vento do fora, onde me abro *para a ausência de mim* (BATAILLE, 1973, p.365).

A ausência de si é vento violento na cabeça do escritor. Bataille sempre aspirou ao que Nietzsche chama um pensamento-dança capaz de um golpe de acrobacia, pois que não mais condicionado

ao peso das longas cadeias de razões. Pensamento “sem medida”, como um fluxo carregando alteridades. Contrafeito ao edificante, ele se traduz em transgressão da linguagem categorizante do edifício do saber, linguagem cuja sintaxe é marcada por secular fobia de estruturação. Enfim, esse é vento que sopra no sentido de uma precipitação da filosofia (do saber, em geral) para fora de si (para dentro da literatura). Foucault, a respeito, fala de um “pensamento do exterior”. Que se justifica:

o ‘eu falo’ funciona ao contrário do ‘eu penso’. Este conduzia de fato à certeza indubitável do Eu e de sua existência; aquele, pelo contrário, recua, dispersa, apaga essa existência e dela só deixa aparecer o lugar vazio. O pensamento do pensamento, uma tradição mais ampla ainda que a filosofia, nos ensinou que ele nos conduzia à mais profunda interioridade. A fala da fala nos leva à literatura, mas talvez também a outros caminhos, a esse *exterior onde desaparece o sujeito que fala* (FOUCAULT, 2001, p.221; grifos nossos).

Escreve-se certamente para lutar contra a morte. Mas a ausência de si não pode escrever esse livro (ou qualquer outro): escrever é formular uma intenção, aceitar os limites do ser, encerrá-lo numa taxonomia discursiva. O vento violento, a ausência de si, sopraria em *Le Coupable* se este fosse um livro soberano, capaz de tocar o ser “no ponto em que ele sucumbe” (BATAILLE, 1973, p.261). Mas, se Bataille espera que “a borrasca desenraíze”, por que o emprego das reticências? É de se perguntar: desenraizar o quê? Ele espera que o não-eu, a ausência, a morte, arranquem-no à ordem onde contrai raízes: condição para se alcançar o poder que o ser tem de “chegar ao contrário do ser”. O ser, afinal, não nos é dado “numa suplantação intolerável do ser”? Jogue-se doravante com essa suplantação; com o que é outro, ou melhor, com o que não é imperativamente. O autor de *Le Coupable* faz isso com a mão que aceita os limites ao escrever, mas que, prometida à morte, permite que o pensamento escape a seus limites. Duas mãos em uma, ou melhor, uma mão e sua morte. “Minha morte e eu, nós nos desequilibramos no vento do fora onde me abro para a ausência de mim” — para minha soberania. Operação sutilmente paradoxal: eu me abro para a ausência de mim se minha morte e eu juntos sucumbimos ao vento do fora (fora dos limites), isto é, na minha ausência. Eu me abro para a soberania da qual só minha morte me separa, mas da qual não estou mais separado... por força do livro que escrevo!

Quanto a esse livro, eis a frase que o encerra (em sua desejada inconclusão): “Vi que deveria fazer isso ou aquilo e eu o faço (meu tempo não é mais aquela ferida aberta)” (p.366). Uma mudança de sentido do tempo vivido perturba a derradeira perspectiva do autorretrato. Ao final, Bataille não mais padece de um tempo futuro — “escrevo, não quero morrer”. Ao encerrar a escrita, a relação com a morte mudou, inverteu-se. Não mais se trata de suprimir pela linguagem o tempo (de catástrofes, de guerra), porque é nele que se experimenta a falta de ser, a “ferida aberta” no sujeito. Ao contrário, Bataille procura

se identificar com o tempo enquanto “duração da perda”, enquanto acaso, acordo com o acaso. E, como o acaso é “a *mise en jeu* de todo o possível” (BATAILLE, 1973, p.325), é nele que se joga a questão última da identidade. Ora, “a consciência do acaso me decompõe”, afirma Bataille (1973, p.546), o que o promove à condição de uma “consciência do acaso”. Por fim, ele assume a chancela mallarmeana:

Eu sou um lance de dados, é essa a minha força [...] a independência e o desprezo das convenções me darão e me dão uma desenvoltura de jogador (BATAILLE, 1973, p.352).

Uma escrita soberana teria por função essencial a procura do acaso. Assim, sob o pseudônimo de Dianus, aquele que espera pela morte, Bataille pode assumir:

Escrever é procurar o acaso, não do autor isoladamente, mas de um anônimo qualquer. Em mim mesmo esse movimento arrastado que me obriga a escrever está tomado na trajetória de um acaso pertencente ao homem em geral. Todavia, do acaso não posso dizer: ‘ele me pertence’ (ele pode a cada instante se furtar); nem exatamente: ‘eu o procuro’, pois que posso sê-lo, não procurá-lo. O acaso humano é trajetória viva, já encontrada, mas ela deixaria de ser se [...] (BATAILLE, 1971, p.496).

Quanto ao “fazer isso ou aquilo” da última frase de *Le Coupable*, é sempre possível dizer que o fato de escrever isso ou aquilo faz parte de um processo, de uma procura — ainda que para Bataille isso sempre implique numa “imobilidade da pedra” (1973, p.350). De todo modo, no curso de tal “processo”, o escritor é suplantado por uma escrita que prossegue em seu trabalho de dolorosa interrogação sobre sua própria (im)possibilidade. Deixando de dominar seu próprio texto, resta ao autor deambular por entre suas fissuras, deixando rastros de sua “insuportável suplantação”. Em face de uma escrita escarnecedora e terrificada do não-eu, não poderia haver outra “assinatura”. Portanto, o que Bataille escreve não é nunca um aleatório “isso ou aquilo” a cujo movimento ele simplesmente se submeteria. O gesto de escrever — sua inconseqüência essencial — parece, antes, determinar sua inscrição no movimento impessoal de um universo sem Deus, universo-acaso, onde a subjetividade ganha autonomia ao renunciar à sua organização, gramatical, importa dizer, e ao permitir assim ser tocada por uma instabilidade taxonômica, por aquilo que a dissocia, a consome. *Páthos* terminal da subjetividade desaparecida, que invariavelmente se exerce como intimidação da linguagem, no que importa em surdo desafio a toda filosofia interessada em “abrir as noções para além delas mesmas” (BATAILLE, 1973bis, p.350), em escrever a “ferida aberta” de todo saber de circunscrição.

Referências bibliográficas:

- BARTHES, R. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Trad. Leyla Perrone- Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- _____. As saídas do texto. In: *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988. p.249-259.
- BATAILLE, G. *Oeuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1971, 1973, 1973bis. v. III,V e VI.
- _____. *L'expérience intérieure*. Paris: Gallimard, 1954.
- _____. *L'érotisme*. Paris: 10/18, 1965.
- _____. *A Literatura e o Mal*. Trad. Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM, 1989.
- _____. *L'Érotisme*. Paris: Éditions 10/18, 1964 .
- BEAUJOUR, M. *Miroirs d'encre. Rhétorique de l'autoportrait*. Paris: Seuil, 1980.
- DERRIDA, J. De l'économie restreinte à l'économie générale. Un hegelianisme sans réserve. In: *L'écriture et la différence*. Paris: Seuil, 1967.
- _____. *Mémoires d'aveugle. L'autoportrait et autres ruines*. Paris: Éditions de la Réunion des musées nationaux, 1990.
- _____. *Marges de la philosophie*. Paris: Minuit, 1972.
- _____. Lettre à un ami japonais. In: *Psyché. Invention de l'autre*. Paris: Galilée, 1987.
- FOUCAULT, M. O pensamento do exterior. In: *Ditos & Escritos III*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2001. p. 219-242.
- _____. Prefácio à transgressão. In: *Ditos & Escritos III*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2001a. p. 28-46.
- KLOSSOWSKI, P. A propos du simulacre dans la communication de Georges Bataille. *Critique*, nº195-196, p.742-750, Paris : août-septembre, 1963.
- MARMANDE, F. La disparition, ou l'instant d'écrire. *Revue des Sciences humaines*, tomo LXXVII, nº 206, p.129-141, Lille: 1987.
- PIERRE, R. Ecrire de ne pas écrire. *Revue des Sciences humaines*, Tomo LXXVII, nº 206, p.43-64, Lille, 1987.
- SOLLERS, Ph. L'écriture et l'expérience des limites. Paris: Seuil, 1970.